

HOMILÉTICA: PREGAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Homiletics: preaching and communication

Dr. Jilton Moraes¹

RESUMO

Exposição da *homilética* como ciência que nos ajuda a amar a Palavra de Deus, do seu papel para a eficácia da pregação, destacando as três fases de sua atuação no labor sermônico: da pesquisa ao púlpito, do púlpito ao ouvinte e do ouvinte à prática; visão do lugar da prédica através dos tempos; apresentação dos recursos que possibilitam ao pregador trabalhar uma perícopes, com abordagem fiel, atual, atraente e prática; ênfase em uma teologia bíblica capaz de sair dos compêndios para a vida; noção da possibilidade de utilização de diferentes formas sermônicas, com destaque para a forma expositiva; desafio ao emprego dos melhores recursos na pesquisa e elaboração do esboço, empregando a máxima seriedade que resulta em melhor comportamento no púlpito, com sermões bíblicos, profundos e objetivos, capazes de atrair e transformar os ouvintes.

Palavras-chave: Homilética. Pregação. Pregador. Biblicidade. Comunicação. Sermão².

ABSTRACT

Exposition of homiletics as science that help us to love the Word of God, its role in the efficacy of preaching, emphasizing the three phases of its operations in the labor of homily: from the research to the pulpit, from de pulpit to the listener, and from the listener to practice; view of the place of preaching through times; presentation of

¹ O autor tem curso livre de bacharel, mestre e doutor em Teologia, pelo Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil, STBNB (Recife, PE, 1993). Notório saber pela Escola Superior de Teologia, EST (São Leopoldo, RS, 2012), após defesa de tese em banca de doutorado. É membro do Conselho da Rede Latino Americana de Homilética, RedLAH. Na área pastoral, tem 46 anos de vivência, havendo dirigido igrejas da Convenção Batista Brasileira, CBB, em Fortaleza (CE), Belém (PA), Teresina (PI) e Recife (PE). Ensina Homilética há mais de 40 anos; tem servido como pregador, professor visitante, escritor e consultor. Tem quinze livros publicados, nove dos quais na área da pregação. Um de seus livros está publicado em espanhol, *Homilética: de la investigación al púlpito* (Buenos Aires: Editorial Peniel, 2011). E-mail: jiltonmoraes@gmail.com

² Sermão. Além desse vocábulo utilizaremos os sinônimos: prédica e mensagem.

resources that enable the preacher work one pericope, within a faithful, current, attractive, and practical approach; emphasis on a biblical theology able to get out of textbooks for life; notion of the possibility of using different forms of sermon, emphasizing expository form; challenge to the employment of the best resources in research and development outline, employing the utmost seriousness that results in better behavior in the pulpit, with biblical sermons, deep and objectives, able to attract and transform listeners.

Keywords: Homiléticos. Preaching. Preacher. Biblicity. Communication. Sermon.

INTRODUÇÃO

Expor a homilética como ferramenta indispensável à elaboração e à comunicação de sermões é tarefa prazerosa a tantos quantos nos dedicamos à missão de proclamar as boas novas. Mas, precisamos ter em mente que explicar fielmente o texto básico, possibilitando seu transporte e atualização, é o desafio! Urge darmos especial ênfase no foco do texto em consonância com o seu contexto, considerando os anseios e as necessidades dos ouvintes para, de acordo com o propósito estabelecido, pregar a Palavra de modo atual e penetrante.

Esse artigo é um ensaio sintetizando o programa de um módulo na pós-graduação da FATEBE, razão pela qual leva não apenas o nome da disciplina, mas boa parte do seu conteúdo. Suplico ao Senhor da Pregação que esta abordagem ofereça uma visão dos recursos da homilética para a elaboração de sermões bíblicamente fundamentados, com adequada interpretação e atualização, objetivando biblicidade, atualidade, clareza e objetividade, capazes de alcançar os ouvintes com desafios coerentes com a mensagem do texto bíblico.

1. O QUE VEM A SER HOMILÉTICA?

Homilética: pregação e comunicação tem sido, do ponto de vista profissional, minha principal paixão. Mas afinal o que vem a ser homilética? O livro *Aventuras de um pregador iniciante* tenta responder a esta indagação de um modo cômico. Fala de um professor de homilética e um homem que, curioso por descobrir o que o outro ensinava, perguntou-lhe: “O que o senhor ensina?” O novo amigo responde: “Homilética”; mas a resposta não foi compreendida. Outras vezes o homem voltou a perguntar, mas ficava sempre sem acreditar na resposta. Até que um dia armou-se de coragem e, sabendo que o amigo era um teólogo, indagou da relação entre a teologia e omeletes. Diante do equívoco entre os vocábulos, o pastor explica que homilética é diferente de omeletes. Mostrando-lhe vários livros explica: “Esses livros são de homilética, não são de receitas culinárias! São livros sobre a ciência e a arte da pregação”.³

Homilética é a ciência da pregação. O sentido original dessa palavra é conversação; vem do grego, homilia. John Broadus afirmou: “a ciência da Homilética nada mais é do que a adaptação da retórica às finalidades especiais e aos reclamos da prédica cristã”.⁴ Minha definição é bem detalhada:

Homilética é a ciência que nos ajuda a amar a Palavra de Deus, nela meditando e estudando, para assimilar os seus princípios, sendo edificados e capacitados a, em aprendizagem constante, construir uma pregação com

³ MORAES, Jilton. *Aventuras de um pregador iniciante: aprenda a pregar*. São Paulo: Vida, 2012, p. 18.

⁴ BROADUS, John. *O sermão e seu preparo*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1960, p. 10.

base bíblica, capaz de falar ao presente, com desafios para o futuro, objetivando apresentar Jesus, poder e sabedoria de Deus.⁵

Divido a jornada o pregador em três importantes etapas e em cada uma delas a homilética está presente, possibilitando-nos melhor cumprimento dessa tríplice missão: (1) *da pesquisa ao púlpito*, (2) *do púlpito ao ouvinte* e (3) *do ouvinte à prática*.

1.1 Da pesquisa ao púlpito

A razão de ser dos princípios homiléticos é equipar o pregador a elaborar e a comunicar sermões bíblicos e atuais, profundos e objetivos, capazes de confortar os ouvintes perturbados e de perturbar os ouvintes confortados. A homilética não é uma camisa de força para engessar o pregador, mas um conjunto de princípios para melhorar o seu desempenho tanto no gabinete de estudos, quando no púlpito.

Um bom programa de homilética principia ensinando àqueles que comunicam a Palavra e pregarem primeiramente para si mesmos. Antes de pedir a Deus que nos capacite a falar aos nossos ouvintes, precisamos pedir-lhe que fale a nós mesmos. Quanto mais a Bíblia fala ao nosso coração, mais condições temos de partilhá-la às demais pessoas. Se o pregador não foi alcançado pelo texto bíblico, como pode pretender alcançar outras pessoas?

Nessa trajetória aprendemos a: (1) Compreender a tarefa – não estamos trabalhando um discurso qualquer; (2) Saber que, antes de tudo, devemos viver diante de Deus; (3) Pedir a Deus que nos dê a ideia a ser comunicada; (4) Orar por um texto básico: ele será a base sólida da sua pregação;⁶ (5) Interpretar o texto para sermos fiéis ao que ele diz; (6) Contextualizar a ideia central do texto – assim teremos a tese do sermão; (7) Conhecer o que realmente será o conteúdo da nossa fala; (8) Fixar com clareza o propósito da mensagem; (9) Estabelecer um título que servirá de alicerce às divisões; (10) Dividir bem, para pregar melhor; (11) Utilizar ilustrações para facilitar a compreensão; (12) Aplicar a mensagem aos ouvintes; (13) Trabalhar bem a introdução e a conclusão; (14) Estudar e aperfeiçoar o esboço; (15) Preguar com entusiasmo e vida para agradecer ao Senhor.⁷

1.2 Do púlpito ao ouvinte

Quando principiei os meus estudos de homilética, sentia realização ao finalizar o manuscrito; escrever o amém final era algo que me trazia muita alegria. Hoje, meio século depois, continuo a me alegrar ao completar essa etapa, mas sei que ainda não é tempo de completa realização; em certo sentido o trabalho está simplesmente começando. Não basta ter um lindo esboço, se esse trabalho não for transformado em um discurso oral capaz de alcançar, com os princípios bíblicos, os ouvintes e suas necessidades. Os passos do púlpito ao ouvinte constituem-se em jornada árdua que precisa ser desempenhada com intrepidez.

⁵ MORAES, Jilton. *Homilética: do ouvinte à prática*. São Paulo: Vida, 2013, p. 293.

⁶ Os itens 3 e 4 falam dos primeiros passos no preparo de uma prédica; e essa ordem não é inalterável: muitas vezes o pregador tem o texto (como estalo inicial) e busca uma ideia para completar o seu foco sermônico. Outras vezes acontece como aí sugerido: vem primeiro a ideia e depois o texto. O importante é termos em mente que o texto é a parte mais importante da mensagem a ser pregada.

⁷ Os itens apresentados correspondem ao conteúdo do livro: MORAES, Jilton. *Homilética: da pesquisa ao Púlpito*. São Paulo: Vida, 2005.

Nessa tarefa precisamos compreender *os compromissos do pregador*. “Só quem é capaz de assumir e cumprir os sérios compromissos do pregador tem condições de pregar como porta-voz do Senhor”.⁸ E quais são esses compromissos? (1) compromisso com o Senhor da Palavra; (2) com a Palavra do Senhor; (3) com os limites do sermão; e (3) compromisso com os ouvintes. Outro passo importante no labor sermônico é a convicção de que no púlpito nos colocamos *diante de Deus e dos ouvintes*. Isso envolve um compromisso diário; como pregadores, precisamos considerar as motivações das pessoas ao irem ao templo; saber que somos simples instrumentos para comunicar a mensagem em nome do Senhor; que o nosso ideal maior deve ser glorificar a Cristo; que precisamos viver o verdadeiro amor, aprendendo com Jesus, o Senhor da pregação; que a autoridade para pregar nos é concedida pelo Senhor e que ministramos para alcançar as pessoas.

Prosseguindo nessa trajetória, aprendemos que a pregação acontece no contexto do culto. “Antes de estar no púlpito, o pregador está no culto. O ato de cultuar precede o ato de adorar. Quem não tiver condições de prestar culto ao Senhor jamais será um pregador”.⁹ Também aprendemos que no momento da Palavra “devemos pregar na convicção de que somos simples instrumentos a serviço do Senhor para comunicar a Palavra que alcança, transforma e marca. “O momento da Palavra é a ocasião adequada ao estabelecimento do *assim diz o Senhor*. E, essa é uma árdua responsabilidade, em tempos de corrupção, incredulidade e apostasia”.¹⁰ O profeta Oseias, em nome Senhor, descreveu esta realidade: “O meu povo está sendo destruído porque lhe falta o conhecimento. Porquanto rejeitaste o meu conhecimento, também eu te rejeitarei, para que não sejas sacerdote diante de mim” (Os 4.6).

A homilética preocupa-se com o bom desempenho no púlpito; tendo em mente que, “o sermão é eloquente quando as palavras que apresentam vida são proferidas com entusiasmo e ilustradas com sua própria vida”.¹¹ Neste sentido as principais recomendações são: (1) vá além do esboço; (2) considere a ocasião; (3) conquiste os ouvintes; (4) comece e continue bem; (5) comunique com simplicidade; (6) aplique ao longo da mensagem; (7) evite o supérfluo; (8) aproveite o momento certo; e (9) saiba parar.¹² Outra preocupação nessa jornada é que a prédica seja mais próxima do ouvinte. E ela se torna mais próxima “quando as pessoas no auditório deixam de ser simples ouvintes e se tornam participantes”.¹³ Detalhe nem sempre lembrado, mas de grande importância, é a questão do equilíbrio. “Na pregação relevante há não apenas o equilíbrio aparente, visto na mensagem, mas o equilíbrio real, nem sempre tão visível, porém presente na vida do pregador”.¹⁴

Trabalhando do púlpito ao ouvinte há obviamente a preocupação com a forma a ser utilizada. Sabendo que a pregação é como um relacionamento: pregamos na alegria e na tristeza; devemos estar atentos ao tempo de duração da nossa fala; viver princípios éticos que condizem com um pregador do evangelho; e cuidar do apelo e do *feedback* da pregação.

⁸ MORAES, Jilton. *Homilética: do púlpito ao ouvinte*. São Paulo: Vida, 2008, p. 21.

⁹ MORAES, 2008, p. 21.

¹⁰ MORAES, 2008, p. 90.

¹¹ MORAES, 2008, p. 101.

¹² MORAES, 2008, p. 101.

¹³ MORAES, 2008, p. 131.

¹⁴ MORAES, 2008, p. 147

1.3 Do ouvinte à prática

A homilética cumpre o seu papel habilitando o comunicador sacro a pregar buscando ações práticas. O melhor sermão não é o que foi apresentado com gestos medidos, palavras rebuscadas e persuasão projetada; mas o que, na simplicidade de sua apresentação, produz resultados permanentes. Tudo quanto o pregador pretende é ser agente transformador.

Sermões que abalam, mas não confortam; falam do perigo, mas não indicam o meio de escape, enfatizam o sofrimento, mas ignoram o bálsamo; pintam o inferno, mas não descortinam o céu, só estão fazendo barulho, sem conduzir o ouvinte à prática da verdade.¹⁵ E como isso acontece?

Depois de pregar sobre *o valor do diálogo*, alguém segreda: “Vou à procura de um antigo amigo com quem me desentendi, vou buscar conversar com ele”. Ou, após explanar o texto de Ef 6.4 — “Pais, não irritem seus filhos; antes criem-nos segundo a instrução e o conselho do Senhor” —, um pai ou mãe afirma: “Vou mudar o modo de me relacionar com os meus filhos; não quero que se irrite com meu modo de falar ou agir”.¹⁶

O pregador há de trabalhar todas as etapas de sua mensagem em oração, suplicando ao Pai que as suas palavras, quais Palavra dele, sirvam de proveito aos ouvintes. Não estamos no púlpito para entreter uma plateia mas, para desafiar os ouvintes, conduzindo-os à salvação, à edificação, à santificação e ao despertamento para andar em novidade de vida. Phillips Brooks declarou: “um sermão é um bocado de pão para ser comido, não uma obra de arte para ser apreciado”.¹⁷ Não é a aparente sabedoria do pregador que torna o sermão proveitoso. “O sermão que transforma e desafia à prática não é marcado pela sofisticação do pregador, mas pela simplicidade da Palavra”.¹⁸

Algumas pessoas, desconhecendo a bênção que é a homilética na vida do pregador, têm acusado esta ciência da pregação de dificultar o labor sermônico. A homilética auxilia o pregador a cumprir eficazmente a árdua tarefa de trabalhar →da pesquisa ao púlpito, → do púlpito ao ouvinte, e →do ouvinte à prática.

Assim como é impossível a um professor ensinar bem e marcar com o seu ensino sem didática, é de igual modo estranho querer que um pregador comunique sermões capazes de alcançar e mudar os ouvintes sem os recursos da homilética. A didática capacita o professor a utilizar métodos e técnicas que facilitem a aprendizagem, tornando possível ao educando experimentar a relação teoria e prática. A homilética capacita o pregador a, partindo de uma interpretação correta do texto bíblico e sua atualização, sistematizar seu discurso, objetivando alcançar os ouvintes com uma explanação capaz de desafiá-los a transformar a teoria em prática.¹⁹

Tão importante tarefa quanto a pregação bíblica, há de ser um exigente exercício para todos os que temos recebido tão grande privilégio.

¹⁵ MORAES, 2013, p. 38.

¹⁶ MORAES, 2013, p. 23.

¹⁷ BLACKWOOD, Andrew Watterson. *A preparação de sermões*. Rio de Janeiro: ASTE/JUERP, 1981, p. 22.

¹⁸ MORAES, 2013, p.44.

¹⁹ MORAES, 2013, p. 49.

2. A SUPREMACIA DA PREGAÇÃO

O apóstolo Paulo afirmou: “a fé vem por se ouvir a mensagem, e a mensagem é ouvida mediante a palavra de Cristo” (Rm 10.17). É pela pregação que as pessoas conhecem Jesus e são desafiadas a assumir um compromisso com ele. De igual modo, é pela pregação que crescemos na graça e no conhecimento de Cristo e a viver de modo digno do evangelho.

A responsabilidade que temos de pregar a Palavra é tão grande que Joseph Stowell declarou: “Sou o intermediário de um encontro divino entre o Deus Todo-Poderoso e a humanidade pecadora”. E acrescentou: “Quando penso na pregação como a arte e o ofício que transforma as minhas palavras de modo a expressarem aquilo que Deus quer que eu diga, percebo como é um trabalho importante e aterrador”.²⁰

2.1 Deus tem falado através da pregação

A pregação é o recurso de Deus para a proclamação do seu amor. Ela é tão importante que o apóstolo Paulo afirmou: “Visto que, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por meio da sabedoria humana, agradou a Deus salvar aqueles que creem por meio da loucura da pregação” (1Co 1.21). Isso faz da missão do pregador uma das mais árduas e gloriosas. John Stott, baseado nas palavras de Paulo (1Co 4.1,2), afirmou: “o pregador é um despenseiro dos mistérios de Deus, ou seja, da auto revelação que Deus confiou aos homens e é preservada nas Escrituras”.²¹ Significa que temos a responsabilidade de nos colocar diante das pessoas para falar em nome dele. Walter Bowie declarou que “o pregador é um canal de comunicação do Deus vivo para a alma viva que ali está diante dele”.²² Somente buscando o melhor preparo, dentro de suas possibilidades e a orientação divina, desempenhamos a missão de falar em nome do Senhor.

2.2 A pregação no Antigo Testamento

Quando os israelitas sofriam escravizados no Egito, Deus, vendo a aflição que enfrentavam, convocou Moisés, o líder pregador. Ele compartilhava a mensagem que o Eterno tinha para ser comunicada; sua fala era a transmissão do recado divino, de modo claro e objetivo: “Assim diz o Senhor, o Deus de Israel: ‘Deixe o meu povo ir para celebrar-me uma festa no deserto’ (Êx 5.1).

Apesar de inicialmente haver recusado a ideia de liderar e ser pregador, Moisés tanto anunciou o *Assim diz o Senhor* ao povo e ao Faraó, que mais tarde entrou para a história como alguém que “veio a ser poderoso em palavras e obras” (At 7.22). O milagre da pregação começa na vida do pregador!

A pregação de Elias foi um apelo, em nome de Deus, à integridade, desafiando o povo a um relacionamento autêntico com o Criador: “Até quando vocês vão oscilar para um lado e para o outro? Se o Senhor é Deus, sigam-no; mas, se Baal é Deus, sigam-no” (1Rs 18.20).

O profeta Isaías falou de sua experiência pessoal, algo tão real que ele podia até precisar o tempo em que se deu: “No ano em que o rei Uzias morreu, eu vi o Senhor assentado num

²⁰ STOWELL, Joseph. Por que amo pregar. In: KOESSLER, John (editor geral). *Manual de pregação*. São Paulo: Vida Nova, 2010, p. 65.

²¹ STOTT, *apud* MORAES, 2005, p. 17.

²² BOWIE, *apud* MORAES, 2005, p. 17.

trono alto e exaltado” (Is 6.1). Sua pregação foi uma chamada ao arrependimento; Deus estava cansado de uma adoração fingida (Cf: Is 1.13-20).

Foi o mesmo Profeta quem falou de modo fascinante sobre a vinda do Messias: “O povo que caminhava em trevas viu uma grande luz; sobre os que viviam na terra da sombra da morte raiou uma luz” (Is 9.2). Ele mencionou o modo maravilhoso como a história seguiria novo rumo: “o jugo que oprimia o povo, a canga que estava sobre os seus ombros, e a vara de castigo do seu opressor, como no dia da derrota de Midiã”. E mais: “Toda bota de guerreiro usada em combate e toda veste revolvida em sangue serão queimadas, como lenha no fogo” (Is 9.4-5). A seguir, falou da razão da mudança: (Is 9.6): “Porque um menino nos nasceu, um filho nos foi dado e o governo está sobre os seus ombros. E ele será chamado Maravilhoso Conselheiro, Deus Poderoso, Pai Eterno, Príncipe da Paz”.

2.3 A pregação No Novo Testamento

A era da graça realçou ainda mais a pregação da Palavra. O primeiro pregador destacado desse período foi João Batista; as páginas do Novo Testamento abrem com a pregação dele. Como cumprimento das profecias, ele era o mensageiro que anunciava a vinda do pregador maior:

Princípio do evangelho de Jesus Cristo, o Filho de Deus. Conforme está escrito no profeta Isaías: “Enviarei à tua frente o meu mensageiro; ele preparará o teu caminho” “voz do que clama no deserto: ‘Preparem o caminho para o Senhor, façam veredas retas para ele’. Assim surgiu João, batizando no deserto e pregando um batismo de arrependimento para o perdão dos pecados” (Mc 1.1-4).

A pregação dele alcançava os ouvintes: “*a ele vinha toda a região da Judéia e todo o povo de Jerusalém*” (Mc 1.5a) e produzia resultados práticos: “Confessando os seus pecados, eram batizados por ele no rio Jordão”. (Mc 1.5b).

A seguir, encontramos Jesus de Nazaré. Nele, a pregação evangélica encontra sua expressão máxima. Ele foi o maior pregador que o mundo já conheceu: o maior comunicador de todos os tempos, o Senhor da Pregação, Aquele que falou como jamais homem algum falou (Jo 7.46). Uma análise da pregação do Senhor Jesus apresenta não só o pregador que ele foi, mas serve como desafio aos pregadores de todos os tempos, mostrando-nos o modelo da mensagem a ser pregada e do modo como devemos viver para sermos fiéis cumpridores da Palavra e não apenas simples oradores. A homilética de Jesus tem as mais preciosas lições a ensinar a todos os pregadores, de todos os tempos.²³ Precisamos considerar também que, sendo o Senhor e salvador de todos quantos o aceitamos pela fé, ele é o centro da pregação cristã. A pregação cristã relevante é um anúncio que aponta para Jesus. Foi Paulo quem melhor falou a esse respeito: “Pois em Cristo habita corporalmente toda a plenitude da divindade e, por estarem nele, que é o Cabeça de todo poder e autoridade, vocês receberam a plenitude (Cl 2.9-10). E mais: “Os judeus pedem sinais miraculosos e os gregos procuram sabedoria; nós, porém, pregamos a Cristo crucificado, o qual, de fato, é escândalo para os judeus e loucura para os gentios” (1Co 2.22-23).

Outro pregador neotestamentário que se destaca é o apóstolo Pedro. Ele foi o primeiro homem chamado por Jesus para ser pregador, juntamente com o seu irmão André:

²³ MORAES, Jilton. A homilética de Jesus, p. 8.

Caminhando pela praia do mar da Galileia, Jesus avistou Simão e seu irmão André pescando com redes. Era nisso que trabalhavam. Jesus convidou-os: "Venham comigo! Vou fazer de vocês um novo tipo de pescadores. Vou mostrar como pescar pessoas, em vez de peixes". Sem fazer uma pergunta, eles simplesmente largaram as redes e foram com ele. (Marcos 1.16-18 A Mensagem).

A proposta certamente podia parecer um tanto emblemática: *deixar de ser pescador de peixes para ser pescador de homens*. Como seria possível? Pescar peixes ele sabia – era só lançar as redes e esperar; no entanto, como seria possível pescar homens? Você aceitaria participar de uma empreitada assim? Simão, que tanto gostava de falar, nada perguntou, nem discutiu. Simplesmente largou tudo e passou a seguir a Jesus de Nazaré. E seu irmão André, que o acompanhava, seguiu o mesmo exemplo.²⁴

Pedro despontou como porta-voz do grupo dos doze, por ousadia e facilidade de expressão. No entanto, somente depois da ressurreição do Senhor Jesus é que a pregação desse apóstolo se torna realmente notável. As fontes para o acervo petrino estão no livro dos Atos dos Apóstolos e nas duas cartas que trazem o seu nome como autor. Pedro foi o pregador do primeiro evento evangelístico da igreja, no dia de Pentecoste, ocasião em que sua pregação despontou. Logo depois o encontramos pregando no próximo evento evangelizante, à porta do templo; duas vezes diante do sinédrio; na casa de Cornélio, em sua defesa e em suas cartas.²⁵

Outro pregador notável no Novo Testamento foi Estevão. Apesar de termos anotações de apenas um sermão de sua autoria, o conteúdo de sua prédica e seu comportamento como pregador o fazem entrar para a história. O trabalho homilético que ele apresentou encontrou base em sua Bíblia, o AT. É uma pregação narrativa. "Toda sua mensagem foi embasada na história de Israel, mostrando a ação de Deus, até chegar ao seu clímax: Jesus de Nazaré. Sua narrativa é rica em conteúdo histórico, montada em 49 citações do Antigo Testamento".²⁶

Saulo de Tarso, o perseguidor transformado por Jesus em pregador, é outro nome que desponta nas páginas do Novo Testamento. Identificou-se tanto com o ministério da pregação que declarou: "Ai de mim se não pregar o evangelho!" (1Co 9.16b). Ele também deixou claro que a pregação era a principal atividade do seu trabalho no Reino de Deus: "Pois Cristo não me enviou para batizar, mas para pregar o evangelho, não porém com palavras de sabedoria humana, para que a cruz de Cristo não seja esvaziada" (1Co 1.17). Ele não só compreendia que precisava pregar, mas a validade de sua missão estava na apresentação de um trabalho cristocêntrico – a ênfase era à cruz do Senhor e não às palavras do pregador! A esse respeito, o Pastor Éber Vasconcelos poeticamente afirmou: "A sua pregação era um grande cartaz, um cartaz luminoso, mostrando a paixão do Salvador, mostrando a morte de Cristo, mostrando o sofrimento do Senhor Jesus".²⁷

A vida de Paulo, no cumprimento de sua missão de pregador da Palavra, pode ser comparada a uma vela que se doa totalmente para dissipar as trevas. Ele colocou a vida no altar para comunicar a verdadeira luz que ilumina. "O brilho que resplandeceu na estrada de

²⁴ MORAES, Jilton. *Pedro, o pregador*. Brasília, 2013. Trabalho inédito (digitalizado), p. 11.

²⁵ MORAES, 2013, p. 19.

²⁶ MORAES, 2008, p. 227.

²⁷ VASCONCELOS, Éber. *Mensagens memoráveis*. Brasília: Igreja Memorial Batista, 2001, p. 46.

Damasco foi compartilhado sem reservas com judeus e gentios. Graças a Deus que escolheu aquele que fora perseguidor e o fez pregador da sua Palavra”.²⁸

2.4 A pregação na história

Através da história a pregação tem vivido períodos de ascensão e tempos de declínio. A pregação desenvolvida no 1º século depois de Cristo foi marcada por grande poder. Como temos visto, ela encontra seu clímax em Jesus de Nazaré. Os apóstolos e demais pregadores desse período, havendo estado com Jesus, ou ouvido o testemunho daqueles que com ele estiveram, priorizaram a pregação e pregaram com grande ousadia e poder. Suas mensagens eram nitidamente cristocêntricas. Isso motivava os crentes a compartilhar, testemunhar e pregar diariamente. Graças ao poder da pregação primitiva, deu-se a rápida expansão do cristianismo. Os pregadores não apenas pregavam com poder, mas com o amor que os fazia ousados, a ponto de colocar a vida no altar, como aconteceu com Estevão.

No período compreendido entre os anos 70 e 170, com a morte de Pedro, Paulo, João e os demais apóstolos, a pregação perdeu a sua pujança. A falta de informações sobre o período denota a crise do púlpito. A existência de grandes pregadores certamente teria registro de suas pregações. No final do segundo século, no entanto, a pregação deu sinais de força, com pregadores como Orígenes, Clemente de Alexandria, Irineu e Hipólito. Essa ascensão preparou o caminho para o triunfo da oratória no século IV.

Tudo faz crer que nos primeiros séculos os sermões foram despretensiosos: apresentados em forma de homilias, sem muita ordem lógica e sem evidenciar um prévio preparo. De acordo com o auditório, a pregação podia ser didática ou evangelística. A partir de Orígenes, até o final do século III verificou-se um desenvolvimento estrutural, que tornou a mensagem mais expositiva. Alguns dos pregadores mais destacados desse período foram: Policarpo, Inácio e Clemente de Roma.²⁹

Registro digno de destaque é que “através de Orígenes o sermão recebia a forma fixa de uma explicação e aplicação de um texto”.³⁰ A primeira etapa do período patrístico (70-300) caracterizou-se por uma profunda convicção das verdades do evangelho e seu poder para redimir o homem do pecado, uma moralidade recomendável, bem como pela autoridade das Escrituras, embora já se comece a delinear um desvirtuamento da pureza inicial do primeiro século do cristianismo.

Os anos que se sucedem refletem a posição de Constantino, unindo a igreja e o estado, por motivos políticos e não por sua religiosidade. A ideia era a de que a unidade religiosa fortaleceria o Império. As vantagens governamentais foram grandes, o próprio imperador recomendava ao povo que se tornasse cristão. As vantagens comprometeram a pureza na igreja; nesse tempo surgiu a Igreja Católica Romana. A pregação continuou presente, como parte do culto, ocorrendo geralmente após a leitura bíblica. Dois pregadores se destacam nesse período: Crisóstomo e Agostinho.

O período medieval, também conhecido como idade das trevas (430 a 1095), caracterizou-se como uma época sombria e tenebrosa, onde tudo tendeu ao declínio, inclusive

²⁸ MORAES, Jilton. Paulo e a pregação da Palavra. In: REGA, Lourenço Stélio (org.). Paulo: sua vida e sua presença ontem, hoje e sempre. São Paulo: Vida, 2004, p. 292.

²⁹ DARGAN, Charles Edwin. *The history of preaching*. Grand Rapids: Baker Book House, 1974. p. 44.

³⁰ CHRISTLIEB, *apud* DARGAN, 1974, p. 48.

a pregação. A corrupção estava presente na vida dos clérigos e a liturgia sufocou o púlpito. Nesse contexto, a pregação, deixando de ser cristocêntrica, passou a colocar Maria no centro; deixando de ser bíblica, foi rebaixada a um meio de apresentação do pensamento da Igreja Romana. O propósito deixou de ser ensinar a verdade bíblica e se tornou a motivação para se aceitar incondicionalmente os princípios católicos e suas práticas.

Os primeiros esforços envidados no sentido de uma tentativa de restauração do poder da pregação evangélica são verificados através de Wicliffe, na segunda metade do século XIV. Daí para frente o clamor por uma reforma tornou-se cada vez mais veemente, culminando com a atuação de Martinho Lutero, no século XVI.

Sempre que a pregação se distancia da base bíblica, perde a sua autoridade. A Reforma chama-nos a atenção a este fato. Surgiu como um protesto contra os abusos da igreja católica romana. Lutero não aceitava a pregação de Tetzl e o comércio das indulgências. Estava convicto de que a salvação era resultado de uma experiência pessoal com Deus. Assim, ele levantou-se contrário às indulgências e pregou contra elas. São cinco os principais pilares da Reforma:

Sola Scriptura, – Só a Escritura. É a afirmação da supremacia da Palavra de Deus sobre a tradição. Tudo o que for alheio à Bíblia deve ser rejeitado. É lamentável que o momento atual comece a se parecer com os dias da pré-Reforma. Alguns pregadores erguem suas vozes como se fosse a verdade máxima.

Outra coluna da Reforma que devemos lembrar é *Sola Gratia*. Significa que somente pela Graça de Deus vem a nossa salvação.

O terceiro pilar da Reforma, *Sola Fide*, deixa claro que somente a fé é o meio de nos apropriarmos da salvação, efetivada pelo Senhor Jesus. A iniciativa da salvação é a graça, a fé é a resposta a essa iniciativa. Pregadores e pregadoras que no momento presente enfatizam mais a entrega de contribuições do que a entrega de vidas; que valorizam mais a exibição impecável à sociedade do que a apresentação digna ao Senhor da pregação, precisam se conscientizar da mensagem bíblica (Hc 2.4; Rm 1.17; Gl 3.11) “o justo viverá pela fé”.

Outro pilar da Reforma, *Solus Christus*, significa que tão-somente Cristo é a base da salvação. Somos salvos unicamente pelos méritos e pelo sacrifício de Cristo. A teologia da nossa pregação precisa ter como base a nossa experiência com Jesus. É o fato de havermos nos encontrado com o Salvador que autentica a nossa pregação. Não dá para separar conceitos e práxis: teologia e vida caminham juntas. Quando isso acontece, vivemos o *Solo Christus*.

O último pilar da Reforma é *Soli Deo Gloria* – Glória a Deus somente, significando o nosso propósito único deve ser o louvor da glória de Deus. A glória dos resultados jamais será do pregador, mas será sempre do Senhor da Pregação! Pregamos para que *diante dele todo joelho se dobre e toda língua confesse que ele é Senhor, para a glória de Deus Pai* (Fl 2.8-11). A beleza da pregação vem do brilho da glória do Senhor. Paulo fala de seu pensamento: “Quanto a mim, que eu jamais me glorie, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, por meio da qual o mundo foi crucificado para mim, e eu para o mundo” (Gl 6.14). John Piper declara: “O alvo da pregação é a glória de Deus refletida na submissão prazerosa de sua criação”.³¹

Precisamos reconhecer que tudo vem de Deus, somos simples instrumentos nas mãos dele; sabendo que “a eficácia da mensagem, mais que qualquer virtude do mensageiro,

³¹ PIPER, John. A supremacia de Deus na pregação. São Paulo: Shedd, 2003, p. 28.

transforma corações”.³² Precisamos reconhecer que a excelência não está em nós, mas no conteúdo da mensagem que pregamos. Quem reconhece a soberania de Deus e a sua finitude, sabe que a apresentação e os resultados da pregação não podem ter outro propósito senão glorificar o Senhor. *Soli Deo Gloria* motiva-nos a pensar: em um tempo quando o marketing de alguns movimentos evangelísticos evidencia o nome do pregador, precisamos lembrar que, se a pregação não for para a glória de Deus, não valerá a pena ser pregada.

Urge uma nova Reforma capaz de despertar em nós, pregadores, o prazer de pregar tão-somente a Bíblia; de proclamar com palavras e com a vida que só pela graça temos vida; de não apenas pregarmos, mas experimentar que o justo vive pela fé e que é somente por ela que somos salvos; de vivermos identificados com Cristo, a ponto de ele viver em nós; e de fazermos tudo para a glória de Deus. Só assim veremos acesa a chama da pregação, com o conteúdo acima da forma, a compreensão além da retórica, a vida mais que o discurso e Cristo antes de tudo.

3. TEOLOGIA E PRÁTICA DA PREGAÇÃO

Sabemos que um dos grandes benefícios da homilética é habilitar quem prega a utilizar corretamente a Bíblia como base única de seu trabalho no púlpito. Vivemos dias quando, infelizmente, muitos pregadores têm abandonado o costume de preparar e pregar sermões expositivos.

3.1 O valor da pregação depende da sua biblicidade

Sem Bíblia não há pregação relevante. Vários eruditos têm realçado esta verdade. Vernon Stanfield declarou: "A essência da homilética é a Palavra de Deus, e idealmente, pregar é deixar a Bíblia falar".³³ John Knox foi enfático ao afirmar: "A Bíblia é não apenas útil na pregação; é absolutamente indispensável. É mais do que um recurso supremamente útil; pertence essencialmente à própria fonte da pregação".³⁴ Sobre a importância da base bíblica, Lloyd Jones assegurou: "Se o que se expõe no púlpito não está embasado na Palavra de Deus, é de muito pouco ou nenhum valor para os que têm ido ouvir a Palavra de Deus"

Pregar é explanar as Escrituras, mas não só explanar. A exposição da Palavra de Deus no púlpito não pode ficar limitada apenas à interpretação. Se não houver contextualização, não há pregação. A. W. Blackwood, falando sobre o atual clamor por mais sermões expositivos, advertiu: "Só acrescentarei que deve ser pregação. A aula tem seu lugar, o púlpito outro".³⁵

As pessoas vão ao templo para ouvir a Palavra de Deus e se sentem iludidas cada vez que o pregador usa o texto bíblico como um pretexto: leitura, sem base bíblica; Bíblia lida, mas sem explanação, sem contextualização e sem aplicação. O pregador começa lendo o texto, mas dele se afasta para não mais voltar. Propaganda enganosa: Se houvesse um PROCON eclesiástico, caberia uma queixa.

³² CHAPPELL, Bryan. *Pregação cristocêntrica: restaurando o sermão expositivo*. São Paulo: Cultura Bíblica, 2007, p. 18.

³³ STANFIELD, Vernon L.; *et al.* *Homiletics*. Grand Rapids: Baker Book House, 1961, p. 23.

³⁴ KNOX, John. *A integridade da pregação*. São Paulo: ASTE, 1964, p. 16.

³⁵ BLACKWOOD, Andrew W. *La preparación de sermones bíblicos*. El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, 1976, p. 17.

3.2 Os ouvintes se queixam quando falta a base bíblica.

Escrevi um livro que é uma abordagem homilética bem diferente: desconstrói para construir. *O clamor da igreja, em busca de excelência no púlpito*³⁶ traz as críticas dos fiéis aos sermões que estão ouvindo. A terrível constatação é que o púlpito hoje já não alimenta as pessoas. E o motivo do sermão haver sido rebaixado da condição de banquete espiritual à categoria de *fest food* é o abandono da Bíblia como fonte única para a elaboração e a comunicação no púlpito. Um pregador que não anuncia a Palavra não é digno da atenção dos seus ouvintes. Vale a pena conhecer as críticas de ouvintes:

O pregador passou todo o tempo falando do crescimento de sua igreja, de suas viagens e de sua família. Ele leu um texto bíblico, mas não o explanou, nem sequer fez qualquer referência a ele ao longo do sermão.³⁷

Outro ouvinte denuncia: “Por que esse texto bíblico foi lido, se foi completamente esquecido ao longo de todo o sermão? Seria mais honesto não ter lido um texto.”³⁸ Quando isso acontece, o pregador perdeu a noção da validade do púlpito e de sua incumbência como pregador da Palavra. Como bem esclarece David W. Fetzer:

O púlpito não é um palco no qual o pregador se apresenta; é o lugar de nossas igrejas de onde um indivíduo pode falar a outros sobre adoração e conhecimento de Deus, por meio de sua Palavra. É nesse ponto que a escolha de palavras, imagens, metáforas, símbolos não verbais e ilustrações demonstra o quanto você se identifica com os seus ouvintes e o quanto se ligarão a você e o considerarão autêntico.³⁹

Com toda razão os ouvintes reclamam contra sermões sem base bíblica. É para ouvir e aprender da Bíblia que eles vão ao templo.

3.3 Como pregadores devemos seguir o exemplo de Jesus

Entre as principais características da pregação de Jesus está a biblicidade. Ele usou a Bíblia como base de toda sua mensagem. No episódio da tentação (Mt 4.1-11), refutou a todos os argumentos do maligno citando as Escrituras. Na primeira investida – a proposta de transformar pedras em pães – respondeu usando Deuteronômio 8.3: “Assim, ele os humilhou e os deixou passar fome. Mas depois os sustentou com maná, que nem vocês nem os seus antepassados conheciam, para mostrar-lhes que nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca do Senhor”. Quando o tentador sugeriu que Jesus se atirasse da parte mais alta do templo, como demonstração da sua divindade, o Senhor da Pregação, outra vez usou a Bíblia (Dt 6.16): “Não ponham à prova o Senhor, o seu Deus”. E na última investida satânica – adorar ao tentador – mais uma vez o Senhor respondeu com as Escrituras (Dt 6.13): “Temam o Senhor, o seu Deus, e só a ele prestem culto”.⁴⁰

³⁶ MORAES, Jilton. *O clamor da igreja, em busca de excelência no púlpito*. São Paulo: Mundo Cristão, 2012.

³⁷ MORAES, 2012, p. 69.

³⁸ MORAES, 2012, p. 71.

³⁹ FETZER, David W. Agora, transmita a mensagem. In: KOESSLER, 2010, p. 369.

⁴⁰ MORAES, Jilton. *A Homilética de Jesus*, p. 11.

3.4 Pregação relevante tem uma teologia firmada na Palavra

Do conceito que temos de Deus, depende a mensagem que pregamos. Não devemos ir ao extremo de falar de Deus como um ser ausente e distante, com quem temos a chance de com ele nos encontrarmos apenas na perspectiva escatológica. Por outro lado, não é correto falarmos de um Deus que, perdendo a sua soberania, recebe ordens daqueles que se dizem seus servos. Quem serve não ordena, mas, ao contrário, está a serviço do seu Senhor. Partindo da base bíblica que só o Senhor é Deus, aqueles que para exibição de uma *tão grande fé* dão ordens ao seu Deus, nada mais estão fazendo que *construir* um deus feito com suas próprias mãos. O nosso Deus é soberano e tudo faz de acordo com a vontade dele, que é boa, agradável e perfeita. Albert Mohler afirmou: “Uma teologia de pregação começa com um reconhecimento humilde de que a pregação não é invenção humana, e sim uma criação graciosa de Deus e uma parte central de sua vontade revelada para a igreja”.⁴¹

Diante dessa realidade, a terrível indagação é: Qual a imagem de Deus que está sendo apresentada no púlpito evangélico na atualidade? Os ouvintes esperam uma teologia que lhes traga esperança ao viver. “A autêntica pregação é uma celebração da vitória dada por Deus sobre as crises da vida”.⁴² O abismo colocado por comunicadores que mais parecem deístas que pregadores do Evangelho, tem tornado os sermões áridos, monótonos e desinteressantes. Eles têm feito a façanha de tirar a graça da mensagem que é pura Graça.⁴³ Outro depoimento, registrado por Dirce de Carvalho, diz bem dessa realidade: “O mais importante na homilia não é a explicação exegética, mas a vivência. Ou seja, relacionar a Palavra com o dia-a-dia das pessoas, suas dificuldades, trabalhos, relacionamentos, dores, tristezas”.⁴⁴

A teologia da nossa pregação há de sair dos compêndios para a vida. Há muito equívoco sendo propagado como verdade: heresias se transformam em teorias, contrassensos se tornam máximas; o púlpito perdeu o seu lugar! O que se encontra hoje é uma pregação desprovida de base bíblica e incapaz de motivar os ouvintes a ações práticas, de acordo com o propósito divino. Sobre o papel da teologia na pregação, John Stott afirma que “A técnica pode somente nos tornar oradores; se quisermos ser pregadores, é da teologia que precisamos”.⁴⁵ Moisés tinha razão ao querer saber quem era o Deus que o enviava. Precisamos ter um conceito adequado do Deus, em nome de quem falamos. A esse respeito Mohler é categórico:

A pregação é um ato inescapavelmente teológico, visto que o pregador ousa falar de Deus e, num sentido bem real, em lugar de Deus. Por essa razão uma teologia da pregação deveria conter uma forma trinitária, refletindo a própria natureza do Deus que se autorrevela. Ao fazer isso, a pregação dá testemunho do Deus que fala do filho que salva e do Espírito que ilumina.⁴⁶

Um sermão fúnebre, por mais rico em profundos conceitos bíblicos e teológicos, se não tiver o elemento pastoral, capaz de penetrar no mundo das pessoas enlutadas, ministrando-lhes o bálsamo do conforto, será – no dizer de Paulo – como o sino que ressoa ou como o prato que retine. Por mais bem elaborado e apresentado que seja tal sermão, se não for capaz de

⁴¹ MOHLER JR, Albert R. *Deus não está em silêncio*. São Paulo: Fiel, 2011, p. 47.

⁴² PERRY, Lloyd M.; SELL Charles. *Pregando sobre os problemas da vida*. Rio de Janeiro: JUERP, 1989, p. 58.

⁴³ MORAES, Jilton. A fé vem pelo ouvir: por uma teologia da proclamação. In: ADAM, Júlio César. Editor. *Revista Tear Online*. Vol. 2, nº 1. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2013, p. 60.

⁴⁴ CARVALHO, Dirce de. *Homilia: a questão da linguagem na comunicação oral*. São Paulo: Paulinas, 1993, p. 67.

⁴⁵ STOTT, John. *Eu creio na pregação*. São Paulo: Vida, 2003, p. 97.

⁴⁶ MOHLER JR, 2011, p. 47.

conduzir os que choram à presença do Deus que lhes enxuga as lágrimas, de nada valerá. E sabemos que, só usados pelo Espírito Santo, somos capazes de confortar.

3.5 O lugar da prédica expositiva

Em voga em alguns púlpitos está a prática de um discurso oriundo das últimas leituras do pregador, com lições de autoajuda e conselhos práticos, desprovidos de base escriturística. “Precisamos conhecer os ensinamentos bíblicos e nos manter fiéis a eles, bem como conhecer e viver o texto bíblico que serve como base para o sermão”.⁴⁷ Nenhuma igreja se desenvolve com as palavras do pregador: o povo precisa ouvir, compreender e viver a Palavra do Senhor.

O trabalho expositivo é a forma sermônica por excelência. Não é o tamanho do texto que torna o sermão expositivo, mas o fato de suas divisões principais não apenas procederem desse texto, mas todo o foco sermônico dele proceder e fluir harmoniosamente para a sua melhor explanação e compreensão. Para tanto, o pregador há de se aprofundar em sua pesquisa, trabalhando além da perspectiva homilética, a pesquisa exegética e hermenêutica da passagem tomada como base.

3.6 Exposição bíblica em diferentes formas sermônicas

Não é apenas no modelo expositivo que encontramos a exposição da Palavra. Um bom *sermão biográfico* é também uma excelente forma de exposição bíblica. O pregador, de igual modo, pode pregar utilizando um modelo *narrativo*, onde em estrutura mais informal, até mesmo sem tópicos, seguir a estrutura do texto. Há também a possibilidade do *monólogo narrativo*: esse é um trabalho onde a pregação e o drama se misturam para a apresentação da Palavra;⁴⁸ podemos dizer, é uma mensagem narrativa apresentada na primeira pessoa. Tenho visto alguns monólogos alcançando resultados maravilhosos no púlpito. E falando sobre diferentes formas sermônicas, não podemos nos esquecer do *sermão segmentado*, onde palavra e música se unem para a proclamação da Palavra.⁴⁹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que mais dizer a respeito da homilética: pregação e comunicação? Os dias são difíceis e todos nós sabemos. O relativismo religioso enfraquece o púlpito. O crescimento numérico tem se tornado mais importante que o desenvolvimento espiritual; a quantidade está sufocando a qualidade. Raramente se prega sobre o discipulado; sermões éticos não são mais pregados. “Pouco se fala na responsabilidade de carregarmos a cruz, a ênfase é no trono; as aflições não existem; só as bênçãos; e em termos comportamentais tudo parece liberado. Precisamos com urgência de uma nova Reforma”.⁵⁰ A Palavra que transforma e liberta, precisa voltar a ser proclamada com entusiasmo e vida.

⁴⁷ MORAES, 2008, p. 26.

⁴⁸ MORAES, Jilton. *Restaurado por Jesus: histórias bíblicas, prédicas, monólogos*. São Paulo: Reflexão, 2012, 135 p.

⁴⁹ MORAES, Jilton. *Púlpito: pregação e música*. Rio: Convicção, 2010, 256 p.

⁵⁰ MORAES, 2013, p. 14.

REFERÊNCIAS

- ADAM, Júlio César. Editor. *Revista Tear Online*. Vol. 2, nº 1. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2013.
- BLACKWOOD, Andrew Watterson. *A preparação de sermões*. Rio de Janeiro: ASTE/JUERP, 1981.
- _____. *La preparación de sermones bíblicos*. El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, 1976.
- BROADUS, John. *O sermão e seu preparo*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1960.
- CARVALHO, Dirce de. *Homilia: a questão da linguagem na comunicação oral*. São Paulo: Paulinas, 1993.
- CHAPELL, Bryan. *Pregação cristocêntrica: restaurando o sermão expositivo*. São Paulo: Cultura Bíblica, 2007.
- DARGAN, Charles Edwin. *The history of preaching*. Grand Rapids: Baker Book House, 1974.
- KNOX, John. *A integridade da pregação*. São Paulo: ASTE, 1964.
- KOESSLER, John (editor geral). *Manual de pregação*. São Paulo: Vida Nova, 2010.
- MOHLER JR, Albert R. *Deus não está em silêncio*. São Paulo: Fiel, 2011.
- MORAES, Jilton. *Homilética: da pesquisa ao Púlpito*. São Paulo: Vida, 2005.
- _____. *Homilética: do púlpito ao ouvinte*. São Paulo: Vida, 2008.
- _____. *Homilética: do ouvinte à prática*. São Paulo: Vida, 2013.
- _____. *Púlpito: pregação e música*. Rio de Janeiro: Convicção, 2010.
- _____. *O clamor da igreja, em busca de excelência no púlpito*. São Paulo: Mundo Cristão, 2012.
- _____. *Aventuras de um pregador iniciante: aprenda a pregar*. São Paulo: Vida, 2012.
- _____. *Pedro, o pregador*. Brasília, 2013. Trabalho inédito (digitalizado).
- _____. *Restaurado por Jesus: histórias bíblicas, prédicas, monólogos*. São Paulo: Reflexão, 2012.
- PERRY, Lloyd M.; SELL Charles. *Pregando sobre os problemas da vida*. Rio: JUERP, 1989.
- PIPER, John. *A supremacia de Deus na pregação*. São Paulo: Shedd, 2003.
- REGA, Lourenço Stélio (org.). *Paulo: sua vida e sua presença ontem, hoje e sempre*. São Paulo: Vida, 2004.
- STANFIELD, Vernon L.; *et al.* *Homiletics*. Grand Rapids: Baker Book House, 1961.

STOTT, John. **Eu creio na pregação**. São Paulo: Vida, 2003.

VASCONCELOS, Éber. **Mensagens memoráveis**. Brasília: Igreja Memorial Batista, 2001.



A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional